

# Desacomodação e Vínculo ou Vínculo e Desacomodação?

Tema Livre apresentado na X Jornada Científica da SBPdePA.

**Ana Rosa C. Trachtenberg**

Psicanalista da SBPdePA e coordenadora do Grupo de Estudos de Vínculos e Transgeracionalidade da SBPdePA.

**Agda Maria Chaves**

**Ana Lucia Feldens Rodrigues**

**Cristiane de Paula Vieira**

**Denise Helena Ávila**

**Karen Momo Selister**

**Luciana de Brito Souza**

**Luciane Jobim Valdívia**

**Mônica de Assis Cabrera**

**Paula Milman Bacaltchuk**

**Vera Viuniski**

Psicólogo(a) e integrante do Grupo de Estudos de Vínculos e Transgeracionalidade da SBPdePA.

**Claudio Fernando Leitão**

Membro do Instituto da SBPdePA.

**Carmem Prado Nogueira**

Psiquiatra e integrante do Grupo de Estudos de Vínculos e Transgeracionalidade da SBPdePA.

**Renata Baptista de Oliveira**

Assistente Social e integrante do Grupo de Estudos de Vínculos e Transgeracionalidade da SBPdePA.

**Resumo:** A motivação para escrevermos esse trabalho nasceu de nossas experiências vividas pelo Grupo de Estudos de Vínculos e Transgeracionalidade da SBPdePA ao estudar a teoria vincular, bem como de vivências da nossa prática profissional diária. No decorrer do trabalho, abordamos conceitos fundamentais para a compreensão da teoria vincular (como presença, vínculo, “ajenidad” e desacomodação), situados numa lógica paralela à da teoria psicanalítica clássica, sem contudo anulá-la. Por fim, é através de uma cena do filme “Um sonho Possível” que pretendemos demonstrar a possibilidade de um novo encontro dar lugar realmente ao novo, que desacomoda e se impõe, e uma outra marca é impressa; nasce um novo vínculo.

**Palavras-chave:** Outro. Representação. Vínculo.



## 1 Introdução

Por que escolhemos essa palavra – desacomodação – para falar de vínculos?

A motivação do presente trabalho partiu da própria experiência de frequentes desacomodações do Grupo de Estudos da Comunidade da SBPdePA que se dedica ao estudo da teoria vincular de Berenstein e Puget no grupo de Vínculos e Transgeracionalidade. A própria teoria, a entrada de novos integrantes ao longo do semestre, a saída de outros, a importante presença de uma visitante (Sonia Kleiman), a morte do autor que estudamos, Isidoro Berenstein, encontros teóricos e clínicos, em seu conjunto, produziu-nos forte desacomodação.

Presenças, diferenças, o “novo que se impõe e rasga nossas memórias, que entra rasgando” (sic) ou colocações como “eu sempre achei que tal paciente repetia seu abuso em cada sessão, comigo na transferência, mas vi que outras coisas também aconteciam entre nós, durante a sessão” (sic), trouxeram estímulos para pensarmos as diferenças e as novidades. Sentíamos-nos sem rumo, sem saber onde estavam a estrada, o mapa ou o GPS.

A partir da desacomodação persistente a respeito das mudanças no nosso grupo e no nosso estudo, resolvemos desenvolver este trabalho, que perfaz um movimento de construção e desconstrução contínuo, dando lugar à criatividade expressa na escrita coletiva. Começávamos a entender que um vínculo somente se produz com o trabalho, e que o mesmo surge ENTRE o encontro e o desencontro.

Maria, uma paciente, também nos ajudou a refletir. Inicia a sessão de segunda-feira contando que vinha pensando o que diria de novo na análise àquele dia. Logo segue: “DE NOVO pode ser novamente, o de sempre, o repetido, ou pode ser ALGO NOVO” (sic). Uma sessão com Maria poderia ser: “algo novo” que desacomode o “de novo”. Assim, com tantos estímulos, decidimos compartilhar essa aventura com vocês.

## 2 Psicanálise, Sobretudo

A psicanálise clássica e a psicanálise vincular partem de duas lógicas que, em nosso entender, não se opõem, mas se complementam e enriquecem.

A teoria vincular proposta por Berenstein e Puget descentraliza muitos conceitos instituídos na psicanálise clássica, mas não os anula. Retira o complexo de Édipo do centro da estruturação psíquica, observando que outras variáveis também podem produzir novas subjetividades.

A psicanálise vincular traz uma perspectiva esperançosa para o tratamento de nossos pacientes, na medida em que abre a possibilidade de que o psiquismo siga se constituindo ao longo da vida, não ficando os pacientes restritos somente ao que ocorreu precocemente em sua vida mental.

Na ótica vincular, a presença do outro em sua “ajenidad” se coloca como o novo, uma presença que, no entender de Berenstein e Puget, desacomoda nossa estrutura e nos marca a cada encontro.

Optamos por não traduzir o termo “ajenidad” para não reduzir, rapidamente, esse conceito a algo conhecido, para que assim continue como alvo de discussão e questionamentos. Num primeiro momento, tentamos identificar o “ajeno” com os nossos processos internos já conhecidos, mas que não encaixam, não encontram re-presentação. Cria uma tensão entre os objetos internos e a presença real do outro, entre re-presentação e apresentação. Não é algo binário – mundo interno x mundo externo, mas sim um jogo tenso entre os dois.

Berenstein (2008) partiu do tratamento de casais e famílias e percebeu a mesma ótica no tratamento individual de seus pacientes, utilizando a expressão “entre-dois”. Propôs uma comparação com a psicanálise clássica, que também contempla o “entre-dois”:

– Na psicanálise clássica o “entre-dois” resulta do desdobramento do mundo objetal de um – o paciente – no outro – o terapeuta.

– Na psicanálise vincular o “entre-dois” tem lugar entre dois sujeitos, e estes dois devem cumprir ao menos duas tarefas:

1. Uma delas, tem como base a representação e a evocação das ausências significativas; a interpretação dará conta da transferência e do significado baseado no poderoso passado infantil;

2. A outra ocorrerá no trabalho com o que produz a relação como resultado da presença de ambos e se fará com base nas marcas que surgirão.

Essa última atividade é basicamente vincular, específica do “entre-dois”, que não poderia se dar de outro modo. Na segunda tarefa, a fala do analista não dá conta apenas do passado infantil, mas também abarca a área de interferência criada na situação vincular.



### 3 Alguns Pontos

#### 3.1 “Ajenidad”

A “ajenidad” do outro é sempre o novo, que chega pela sua presença, “se impõe”, não tem passado na nossa história, não tem representação, desacomoda e precisa de um espaço que não existe, que é criado no momento: este é o “entre-dois”.

[...] algo do outro não pode ser incorporado, e mesmo no semelhante e no diferente não se pode reconhecer: é o “ajeno” inerente à presença do outro. O sujeito e o outro não são partes de uma suposta unidade tampouco constituem uma soma, mas compõem uma situação de dois, a ser pensada a partir desse “dois”, e deve exigir operações diferentes, uma das quais é a imposição. À medida que avança a análise da “ajenidad”, se poderão descrever outros mecanismos, já que a “ajenidad” não se deixa transformar em ausência e não pode ser simbolizada. A “ajenidad” é todo registro do outro que não conseguimos inscrever como próprio.

[...] Eis aqui o paradoxo próprio e constitutivo do vínculo. É a ferida que o outro aporta ao sujeito, e este tem diante de si dois caminhos possíveis: se constitui em drenagem narcísica, [...] se voltará sobre si recusando a “ajenidad”, ou inicia o caminho da desilusão com a possibilidade de estabelecer um lugar onde antes foi uma ferida. Se no primeiro caso a dor é pela não coincidência com a representação, no segundo a novidade acontece [...] pela apresentação do outro” (BERENSTEIN, 2008, p.35).

#### 3.2 Vínculo

Vínculo é o que acontece quando se está com os outros. O vínculo se constitui como parte de um vir a ser de um sujeito na presença de outro, constituindo a partir desse encontro dois outros, distintos do que eram anteriormente. Ocorre no encontro de duas pessoas, no “entre-dois”. Esse “entre-dois” pode ser caracterizado como o espaço entre o que é de um e o que é do outro, deixando uma tensão. Segundo Sonia Kleiman (2012), uma metáfora bem ilustrativa de vínculo seria uma parede entre dois cômodos, pois ao mesmo tempo em que ela os separa também os une.

#### 3.3 Presença

“Presença é uma qualidade, espécie de evidência de um sujeito que incide fortemente em mim como sujeito ou, se é minha, incide no outro – lhe e me impõe uma marca, me modifica e o modifica” (BERENSTEIN, 2008, p.35).

A presença se impõe por si só, não tendo caráter coercitivo ou violento.

Tal imposição é uma ação instituinte e naturalmente obrigatória, porque faz um lugar no outro onde antes não havia, uma marca que aporta um novo significado a cada sujeito do vínculo.

A presença e a apresentação estão para a teoria vincular assim como a ausência e a re-presentation estão para a teoria clássica.

### 3.4 Desacomodação

Não se pode falar no vincular a partir da ótica de Berenstein e Puget (KLEIMAN, 2012) sem compreender a desacomodação como uma reação àquilo que se produz entre dois sujeitos. O que ocorre a cada encontro é totalmente novo, não possui registro anterior, não tem representação, nunca foi vivido.

É justamente essa novidade que se impõe à dupla algo que excede o psiquismo representacional de ambos. Portanto, uma nova experiência que inicialmente provoca a ideia de caos.

Kleiman (2012) sugere que pensemos na ideia de caos como desordem, desprendimento de tudo que possa encontrar referência prévia. É aquilo que não conseguimos processar, que perturba o conhecido, mas que não é necessariamente arrasador. Perturba, afeta e “co-move”.

Inicialmente, em função da desacomodação, o indivíduo poderá buscar uma re-presentation interna já existente, poderá encontrar alívio num registro anterior, já conhecido. Mas, se os sujeitos envolvidos no processo conseguirem fazer com que essa perturbação produza algo novo, ela servirá como um motor, uma potência. Assim, poderá produzir-se o vínculo criativo em sua hospitalidade, em sua capacidade de impactar e criar novas subjetividades.

## 4 Considerações Finais

Todos esses conceitos nos causaram também estranheza, incômodo e, por serem novos, em princípio, tentamos classificá-los ou compará-los aos que já conhecíamos. A tensão de que Berenstein nos fala, a resistência ao novo, foi vivenciada pelo grupo.

Mas, por acreditar na possibilidade de novas formas de conhecimento e funcionamento psíquico, nos embrenhamos em estudar essa nova e impactante teoria.



Para exemplificar o que pensamos ser a força do vínculo, da presença imposta e a mudança que pode acarretar em cada indivíduo e nos grupos humanos, escolhemos a cena de um filme que “co-moveu” todos nós, como aquele momento que modifica, que enriquece e que traz novas formas de pensar.

O que aconteceria com a presença de um jovem negro que estivesse frequentando a escola e a casa de uma família tradicional norte-americana sulista?

Para o jovem rapaz, inquestionavelmente, a situação é nova e oferece muitas desacomodações. Mas o surpreendente neste filme que procuramos ilustrar é a desacomodação inevitável de todos os que participam da experiência, inclusive a família que acolheu o jovem.

A mãe dessa família acolhe esse rapaz e permite que a presença dele na vida dela e de sua família traga mudanças em todos – nele, pela oportunidade de tornar-se um atleta e seguir uma vida melhor, e nela, que consegue ser permeável a esse vínculo e melhorar como pessoa, percebendo e sendo grata pelo que o rapaz traz para sua vida. O irmão, S. J., é uma presença facilitadora para Mike enfrentar o mundo da escola, e o pai e a irmã, por respeito e admiração pela mãe, também permitem que essa mudança toda ocorra.

É um filme sobre uma história verdadeira e comovente, sobre como, ao nos abriremos às presenças possíveis em nossas vidas, possibilitamos novas experiências, novos lados cegos que podem receber luz.

Para compreender melhor o nosso trabalho, é importante ver uma cena do filme, acessando o link <https://www.youtube.com/watch?v=hSDMERw68Kc>.

### Unsettlement and Link or Link and Unsettlement?

**Abstract:** The motivation to write this paper came through our experiences while participating in the Grupo de Estudos de Vínculos e Transgeracionalidade da SBPdePA, as well as experiences brought from our daily practice. Along this study practice we dealt with concepts which were fundamental for the comprehension of the Teoria de “Vínculos” (this word is mostly used in Latin American studies, and the word will be here roughly translated as “link” or “links”), such as “presence”, link, “ajenidad” and unsettlement, which are viewed from a logic point that parallels the classical psychoanalytical theory without, nevertheless, annulling it. Furthermore, it is through a scene from the movie “The Blind Side” that we intend to demonstrate the possibility of a new encounter to generate something really new, something that unsettles and imposes itself, when another print is created, a new link is born.

**Keywords:** Other. Link. Representation.

## ¿Desacomodación y Vínculo o Vínculo y Desacomodación?

**Resumen:** La motivación que tuvimos para escribir este trabajo, nació de las experiencias vividas en el Grupo de Estudios de Vínculos y Transgeneracionalidad de SBPdePA al estudiar la teoría vincular, bien como las vivencias de nuestra práctica profesional diaria. En la creación de este trabajo, fueron abordados conceptos fundamentales para la comprensión de la teoría vincular (como presencia, vínculo, "ajenidad" y desacomodación) situados en una lógica paralela a la teoría psicoanalítica clásica sin, con eso, anularla. Por fin, es por intermedio de una escena de una película "Un Sueño Posible" que pretendemos demostrar la posibilidad de un nuevo encuentro, hacerle lugar a lo nuevo, que desacomoda y se impone creando una nueva marca. Nace así, un nuevo vínculo.

**Palabras clave:** Otro. Representación. Vínculo.

## Referências

BERENSTEIN, I. **Devenir otro con otros:** ajenidad, presencia e interferencia. Buenos Aires: Paidós, 2008.

KLEIMAN, S. **En qué nos interrogan los vínculos hoy?** Conferência na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, 2012.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

---

Ana Rosa C. Trachtenberg  
Rua Mostardeiro, 05/806  
90430-001 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: anarosact@terra.com.br

Agda Maria Chaves  
Rua Coronel Bordini, 830/510  
90440-003 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: agdacf@gmail.com

Ana Lucia Feldens Rodrigues  
Rua 24 de outubro 521 / 904  
90510-002 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: analuciafeldens@yahoo.com.br

Carmem Prado Nogueira  
Rua Indianópolis, 320  
91330-060 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: carmenpnogueira@terra.com.br